

ANEX ANL p2

PODER & POLÍTICOS

A agonia do acordo

Docemente constringido, o presidente Sarney vai aceitar uma fórmula negociada de implantação do parlamentarismo com seis anos de mandato, ainda que mantendo sua tese de que a forma de governo mais conveniente aos interesses do Brasil seria o regime presidencial com o Congresso renovado pelo fortalecimento institucional.

Sarney está em minoria na Comissão de Sistematização e na Constituinte. A maioria parlamentarista, pelos seus líderes mais expressivos, admite abertamente a possibilidade de negociar a *implantação gradual do parlamentarismo*, para não subtrair poderes do atual Presidente, nos termos da emenda apresentada pelo deputado mineiro Bonifácio de Andrada.

O maior adversário, agora, da fórmula parlamentarista é o Dr. Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, que não simpatiza com o regime de gabinete, embora tenha sido ministro no governo parlamentarista de Tancredo Neves, em 61, e muito menos com o dispositivo das disposições transitórias que confere seis anos de mandato a Sarney.

O veterano Dinarte Mariz costumava dizer que um homem de 70 anos só pensa no dia de hoje, nunca no amanhã, por motivos óbvios. Ulysses não pode esperar muito para finalmente entrar na Presidência da República. Mas, como bom cidadão e grande político que é, se o parlamentarismo vier poderá dizer, como disse recentemente:

— A Constituinte e a Pátria estão acima da minha convicção pessoal.

Bernardo Cabral, o relator-geral da Comissão de Sistematização, que vinha sendo criticado por gregos e troianos, é saudado, agora, pelos parlamentaristas como aquele que teve a inspiração divina de *colaborar no texto do projeto uma fórmula que dá posição de barganha aos defensores do regime de gabinete na negociação de sua implantação*.

— O Cabral colocou um elefante dentro do pequeno casebre. Agora, o Sarney vai ter de sair para retirar o elefante do seu exíguo espaço.

Os principais articuladores do parlamentarismo estiveram com os generais e alguns figurões da Nova República, neste fim de semana movimentado e fértil de notícias. Cid Carvalho, que foi a verdadeira formiguinha na articulação do parlamentarismo, e nele vê um meio de promover um pacto social e político como o de Manicóia, esteve domingo à noite com o ministro-chefe do Gabinete Civil, o mineiro Ronaldo Costa Couto, sustentando a necessidade de uma negociação de Sarney com a maioria parlamentarista.

Na noite de sábado, no Santuário Nossa Senhora de Fátima, no casamento da filha do secretário-geral da Câmara, Paulo Affonso Martins de Oliveira, um jornalista apostou três garrafas de uísque de 12 anos com o líder do governo, Carlos Sant'Anna, como a emenda parlamentarista seria vencedora. Na frente do senador José Richa e dos deputados Cid Carvalho e Israel Pinheiro Filho, o líder do governo confirmou a aposta, ponderando, no entanto:

— Se houver acordo nenhum de nós dois ganha a aposta.

O que fez Cid, Israel e José Richa sorrirem satisfeitos.

Por fim esclareça-se que não existe qualquer veto militar ao parlamentarismo. Os generais estão naturalmente preocupados com a lealdade que devem ao Presidente da República, o chefe hierárquico, e não querem que a Constituinte lhe subtraia os seus poderes, mas consideram a forma de governo questão a ser decidida pela elite civil.

No almoço que tiveram no apartamento de Afonso Arinos, com os líderes Luiz Henrique, Fernando Henrique Cardoso, Sandra Cavalcanti, Bonifácio de Andrada, entre outros, os ministros Leonidas Pires Gonçalves, do Exército, Henrique Saboya, da Marinha, e Moreira Lima, da Aeronáutica, deixaram isso bastante claro.

Allí foi a oportunidade que tiveram os parlamentaristas de expor suas idéias, principalmente o recém-convertido parlamentarista, que é esta figura de humanista e político chamada Afonso Arinos de Melo Franco. Os generais souberam pelos parlamentaristas que o objetivo é dar ao País instituições que nos garantam a convivência com a social democracia europeia.

TARCISIO HOLANDA

CORREIO BRAZILIENSE

22 SET 1987

1987 135 22